EDUCAÇÃO MUSICAL E A IMPORTÂNCIA DA ARTE NO TEA: APONTAMENTOS E REFLEXÕES NA APRENDIZAGEM



ELISABETE BISPO DOS SANTOS
Graduada em Pedagogia (Licenciatura Plena) pela Faculdade UNAR (2009); especialista em Pós-Graduação Lato Sensu em História, Arte e Educação nos Museus Paulistas pela Faculdade Unificada do Estado de São Paulo (2019); professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental na Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de São Paulo. (SME).

RESUMO

A Educação Especial Inclusiva traz consigo especificidades e dispõe de lacunas para a efetivação da inclusão. Este processo pode decorrer da ausência de pautas inclusivas nos currículos das licenciaturas, evidenciando carências nas articulações didático-pedagógicas, refletindo diretamente nos modos operandi do ensinar-aprender na Educação Básica. Este artigo objetiva viabilizar reflexões sobre a importância do ensino de arte nos profissionais da educação, mais precisamente a música, contributiva à socialização e aprendizagem. A arte e suas linguagens, contribuem no desenvolvimento psicomotor, cognitivo, social e afetivo das crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A escola desempenha um importante papel na educação e desenvolvimento dessas crianças, pois a escola é o espaço onde se rompem paradigmas e se deve oferecer recursos pedagógicos adequados aos educandos. Nesse sentido, a arte contribui para que os alunos com TEA, tenham um ensino-aprendizagem significativo, já que pessoas com TEA, dispõem de sensibilidade no que diz respeito aos processos de interação e socialização.

PALAVRAS-CHAVE: Arte; Música; TEA e Aprendizagem.

APONTAMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo é consubstanciado a partir de uma revisão integrativa, pois ela nos permite articular os fundamentos teórico-metodológicos que permeiam a literatura com as nuances particulares dos autores frente ao tema de pesquisa em questão: Educação musical e sua relação com indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Neste sentido, o delineamento qualitativo foi utilizado, a fim de expressar aspectos de valores teóricos dados que não podem ser quantificados estatisticamente.

Acerca das revisões bibliográficas: [...] elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar (Prodanov & Freitas, 2013, p. 54).

Vale ressaltar que, desde o surgimento do problema de pesquisa, a busca em referenciais publicados na literatura pode abrir a mente dos autores para diversos caminhos de pesquisa, ou seja, uma pesquisa que se inicia em viés bibliográfico pode vir a tornar-se futuramente um estudo de caso, uma análise de conteúdo, uma entrevista, um desenho, dentre outros métodos. Sousa et al., (2021, p. 65) descrevem que “a pesquisa científica é iniciada por meio da pesquisa bibliográfica, em que o pesquisador busca obras já publicadas relevantes para conhecer e analisar o tema-problema da pesquisa a ser realizada”.

Para tanto, os principais autores que embasam o viés teórico desta pesquisa, são respectivamente: Aguiar (2008), Antero (2010), Barbosa (1990), Barbosa (2002), Baumer (2009), Bruscia (2000), Duarte Júnior (1988), Fonterrada (2008), Sousa (2009), Berger (2002), Koelsch (2011), Rodrigues (2012), Sampaio, Loureiro e Gomes (2015).

Realizou-se, por meio do levantamento em bases indexadoras de caráter científico, a busca pelas palavras-chave: Ensino inclusivo, Musicoterapia, Educação especial e arte, que se encontram associadas ao ensino de arte, transtorno de aprendizagem, musicoterapia, fazendo uma seleção criteriosa dos trabalhos mais relevantes. As plataformas utilizadas para a busca foram ScienceDirect, Scielo e Google Académico, e o período delimitado dos estudos pesquisados refere-se a aproximadamente dez anos. E foram encontrados artigos científicos, obras clássicas que discutem o ensino da música associado à educação especial.

Para a seleção dos manuscritos, estabeleceram-se os seguintes critérios: artigos publicados em inglês, espanhol ou português e artigos com palavras-chave no título, resumo ou palavras-chave de qualquer espécie contendo a palavra Arte, educação inclusiva, musicoterapia e TEA. Outros artigos que não preenchiam os critérios de inclusão foram excluídos desta revisão sistemática, bem como 'publicações' pouco fiáveis, tais como esboços, livros, artigos do sítio e pré-impressões de artigos submetidos.

Os artigos selecionados foram revistos manualmente, por ordem identificar e excluir obras que não cumpriam os critérios descritos acima. Este estudo abrangeu um total de 83.512 contendo as palavras arte, educação inclusiva, musicoterapia e TEA. Todos os dados obtidos foram documentados e listados em tabelas e números, como serão apresentados ao longo deste artigo.

A primeira busca no indexador *Scielo* usando as palavras-chave “Ensino de arte e Educação inclusiva” identificou 71.840, 2.610 no Google Acadêmico, e 7.840 resultados *no ScienceDirect*. Fazendo uso das palavras-chave “Musicoterapia e TEA”, zero resultados no Scielo, 2.610 resultados no Google Acadêmico e 1.120 no *ScienceDirect*. No entanto, entre estes, 83.470 resultados foram descartados por se tratar da temática em outros contextos, aplicada às áreas de fisioterapia, intervenção na área da fonoaudiologia, modelo de análises baseadas em

inteligência artificial e formação de professores. Os artigos duplicados em duas ou mais bases de dados foram considerados apenas uma vez, resultando em 42, que foram analisados minuciosamente.

RESULTADOS DA DISCUSSÃO

HISTÓRIA DO ENSINO DA ARTE NO BRASIL

No século XIX, a partir da chegada da corte ao Brasil, estabeleceu-se uma preocupação organizacional e curricular com o Ensino Superior no país, antes mesmo dos ensinos Fundamental e Médio, como hoje os conhecemos. Esse fato teria ocorrido por acreditar-se que, a partir do Ensino Superior, ocorreria uma renovação e estruturação do ensino como um todo (Barbosa, 2002, p. 15).

Em 1808, no Rio de Janeiro, foram inaugurados o Museu Real, a Biblioteca Pública da cidade e diversos teatros; assim, a capital passou a ter uma grande movimentação cultural. Em março de 1816, chega ao Brasil a Missão Artística Francesa, um grupo de artistas e artífices já consagrados na França e liderado por Joachim Lebreton, que tinha entre seus principais nomes os pintores Nicolas-Antoine Taunay e Jean-Baptiste Debret e ainda o arquiteto Auguste-Henri-Victor Grandjean de Montigny, entre outros, que tinha como objetivo fundar a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios. O projeto não visava apenas a arte, mas também o ensino de diferentes ofícios para a formação de trabalhadores especializados.

Em 1820, o nome da escola muda para Academia Real de Desenho, Pintura, Escultura e Arquitetura Civil. Porém, pouco tempo depois, ainda no mesmo ano, o nome foi mudado para Academia Real de Belas Artes, e só após a Proclamação da República o nome foi mudado para Escola Nacional de Belas Artes.

Os artistas franceses possuíam orientações neoclássicas, diferentes dos artistas brasileiros, que tinham a tradição do Barroco-rococó, fazendo com que houvesse separações elitistas, gerando assim muito preconceito do povo para com a academia. Com o passar do tempo, os artistas do Barroco brasileiro foram cada vez mais menosprezados pelos franceses, que ignoravam a extrema importância que tiveram para a arte brasileira.

Aqui chegando, a Missão Francesa já encontrou uma arte distinta dos originários modelos portugueses e obras de artistas humildes. Enfim, uma arte de traços originais que podemos designar como Barroco brasileiro. Nossos artistas, todos de origem popular, mestiços em sua maioria, eram vistos pelas camadas superiores como simples artesãos, mas não só quebraram a uniformidade do barroco de importação, jesuítico, apresentando contribuição renovadora, como realizaram uma arte que já poderíamos considerar brasileira (Barbosa, 2002, p. 19).

Essa elitização fez com que o povo se afastasse da arte, que passou a ser considerada uma atividade supérflua, perdendo credibilidade e importância ao longo dos anos. Com isso, em 1855, Manuel de Araújo Porto Alegre modificou a educação elitista da Academia de Belas Artes, trazendo a arte novamente mais para perto do povo. Criaram-se então duas classes de alunos, o artista e o artífice, que frequentavam juntos as mesmas aulas. A formação do artista ainda tinha

outras disciplinas mais voltadas ao caráter teórico, enquanto o artífice se especializava nas práticas mecânicas e na aplicação do desenho.

A influência política sempre foi muito importante para o ensino da arte no Brasil, e os nomes de Benjamin Constant e Rui Barbosa foram muito importantes para a reforma educacional que aconteceu nas duas primeiras décadas do século XX, que chamamos de Liberalismo. Rui Barbosa acreditava que “a educação artística seria uma das bases mais sólidas para a educação popular” (Barbosa, 2002, p. 45).

O liberalismo brasileiro foi associado aos símbolos de sabedoria entre as classes da burguesia e a classe trabalhadora, tanto pela sua atuação política quanto pelos seus ideais. À construção de uma nação economicamente liberal e rica estaria diretamente vinculado o pensamento educacional e, principalmente, da consolidação do ensino de desenho. Rui Barbosa pudera observar o desenvolvimento econômico e industrial destes países [Estados Unidos e países da Europa] enquanto elementos anexados ao aprendizado do desenho pelas classes trabalhadoras (Souza, 2009, p. 5).

Assim, Rui Barbosa acreditava que o desenvolvimento do país dependia de um modelo educacional alinhado aos novos paradigmas sociais.

Em 1914, chega ao Brasil Ugo Pizzoli, professor italiano que propõe mais atenção ao desenho infantil, e pela primeira vez no Brasil esse tipo de desenho começa a servir como metodologia para investigar o processamento lógico-mental das crianças.

Em 1922, durante a Semana da Arte Moderna, o desenho infantil passou a ser mais valorizado esteticamente, e a pintora Anita Malfatti teve um papel muito importante para que isso acontecesse. Malfatti e Mario de Andrade desenvolveram “atividades de grande importância para a valoração estética da Arte infantil e para a introdução de novos métodos de Arte baseados no deixar fazer que exploravam e valorizavam o expressionismo e o espontaneísmo da criança” (Barbosa, 2002, p. 112).

Em 1930, ocorreu a democratização da educação, a partir de ações que se contrapunham à educação tradicional pelos membros do movimento Escola Nova, como as metodologias mnemônicas. Dois eventos foram importantes para o acontecimento, o primeiro deles foi em 1932, com a publicação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, assinado por mais de 100 profissionais das áreas da arte e das ciências sociais, que apoiavam uma reforma educacional dos sistemas de ensino e das escolas, reestruturando seus currículos. E em 1934 a promulgação da Constituição que adotou em seu texto diversas iniciativas dos “Pioneiros”, inclusive a premissa de que “Educação é um Direito de Todos e um Dever do Estado”.

Desde então, o ensino da arte vem sofrendo com diversas modificações no seu currículo, porém, sempre é considerado como essencial na formação do aluno e obrigatório no currículo escolar. Atualmente, o ensino da arte engloba outras áreas além do desenho, como foi por um longo período. A música, a dança e o teatro ganharam espaço e juntos complementam as artes visuais, trabalhando todas as formas de expressão consideradas essenciais na formação do aluno.

IMPORTÂNCIA DA ARTE NA FORMAÇÃO HUMANA

A arte está presente nas nossas vidas desde o início da humanidade, antes mesmo de nos comunicarmos através da fala, já deixávamos mensagens através de desenhos, pinturas e construções. Duarte Júnior (1994, p. 136) diz que “a arte está com o homem desde que este existe no mundo, ela foi tudo o que restou das culturas pré-históricas."

O ser humano sempre foi movido pela necessidade de se expressar, de se comunicar com os outros e com a natureza, e por meio da arte expressa seus desejos, necessidades, crenças, felicidade e tristeza. A expressão artística, assim como a música, sempre esteve presente nas antigas civilizações, por meio de rituais, cerimônias e pinturas. É difícil hoje imaginarmos um tempo em que essas eram as únicas formas de comunicação, por isso, Buoro (2000, p. 25) acrescenta: “Portanto, entendendo arte como produto do embate homem/mundo, consideramos que ela é vida. Por meio dela, o homem interpreta sua própria natureza, construindo formas ao mesmo tempo em que se descobre, inventa, figura e conhece.”

A arte raramente era produzida de forma individual, o que garantia a união destes povos. Grupos eram destinados a cada atividade artística, alguns eram os responsáveis pela música, outros pelas construções de moradia, confecção de acessórios e pinturas, tudo de forma coletiva e organizada. Conforme as civilizações foram evoluindo, mudanças aconteceram pelo caminho. Hoje, com um olhar mais crítico, conseguimos observar melhor essas mudanças. A forma como um grupo ou um indivíduo se comportava antigamente é distinta dos hábitos de hoje, inclusive artisticamente falando.

De acordo com Barbosa (1990, p. 11), “acredita-se que a arte não é apenas uma consequência de modificações culturais, porém o instrumento provocador de tais modificações”. Desse modo, entende-se que a arte muda a percepção de como o ser humano pensa o mundo e, dessa forma, se renova de tempos em tempos.

Ao trabalhar com a arte em sala de aula, estamos estimulando o lado emocional, crítico e sensível da criança, e ao produzir um trabalho artístico, ela tem liberdade para criar e expressar sentimentos que muitas vezes não sabe ainda como falar e muito menos como lidar. O trabalho artístico é particular de cada artista, e é através dessa expressão que ele irá externar seus medos, conquistas e inseguranças, pois na arte não há julgamentos.

Estamos rodeados de manifestações artísticas e muitas vezes nem notamos, na rua vemos *outdoors*, logotipos, desenhos em muros, cartazes de filmes, rádio etc. Nem sempre valorizamos a importância e o impacto que essas manifestações causam em nós, mas certamente é importante. Ninguém é capaz de imaginar o mundo sem arte, pois ela faz parte de nós e ainda sentimos muita necessidade de nos expressarmos e sermos comunicativos.

Se perguntarmos para várias pessoas diferentes sobre a importância da arte, provavelmente irão aparecer diversas respostas diferentes. É muito difícil citar um ou dois motivos apenas, a importância muda conforme o contexto da realidade de cada um e está sempre em processo de evolução.

A arte segue unindo povos de diferentes lugares do mundo. É uma linguagem universal.

O artista consegue expressar uma mensagem sem falar uma única palavra; consegue fazer com que as pessoas se identifiquem com o seu trabalho, justamente por entenderem a mensagem que ele quis passar. Por isso, a arte é muito valiosa para a formação humana.

ARTE E MÚSICA NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

A música e a arte podem ter um papel muito importante no desenvolvimento de alunos do ensino especial. Estudos apontam que o trabalho musical tem o potencial de promover a plasticidade neural e se tornar uma ferramenta educacional auxiliando nas dificuldades de aprendizagem. A música trabalha positivamente a estrutura e a função de diferentes regiões do cérebro, reagindo a diferentes estímulos sensoriais e alterando o modo como elas se comunicam. Quando trabalhamos com música e a arte, conseguimos exercitar os dois lados do cérebro, esse exercício ajuda a ter um menor grau de assimetria entre os hemisférios e ao aumento do volume de substância cinzenta.

As artes trazem muitos benefícios para alunos da educação especial, pois, além do controle emocional, trabalham nas funções cognitivas como falta de atenção, perda de memória, controle de impulsividade, coordenação motora, entre outras.
Com base nos fundamentos de Koelsch (2011) e Rodrigues (2012), Sampaio, Loureiro e Gomes (2015, p. 147) declaram que:

Apesar de muitos estudos utilizarem apenas a audição musical para compreensão do processamento emocional de estímulos musicais, é nas experiências musicais ativas – ou seja, quando a pessoa toca um instrumento musical, canta, compõe, e improvisa – que se observam mais facilmente a presença destes processos cognitivos complexos e o desenvolvimento de habilidades relacionadas a eles.

É através da prática artística que as crianças começam a demonstrar evoluções onde antes tinham dificuldades, mas vale lembrar que para algumas crianças os resultados aparecem mais cedo que para outras. Alguns fatores presentes na música auxiliam o trabalho com o aluno em sala de aula, a contagem de uma pulsação rítmica regular ajuda nesse processo, tornando a audição de uma música simples, sem mudanças, agradável e de fácil entendimento para uma criança com TEA.

Berger (2002), sugere que a presença de uma pulsação regular e previsível é o componente musical principal para explicar o prazer que a pessoa com TEA sente com a música, criando-se assim um estímulo ambiental não ameaçador ou aversivo.

A musicoterapia é uma alternativa para o profissional trabalhar com alunos com TEA. Ela identifica músicas com as quais a criança demonstra familiaridade e usa a audição, composição e improvisação a favor do desenvolvimento emocional. A musicoterapia consiste em um processo sistemático de intervenção no qual o terapeuta ajuda o paciente a promover sua saúde utilizando experiências musicais e a relação terapêutica (Bruscia, 2000).

A musicoterapia tem crescido muito nos últimos anos, com diversas palestras pelo mundo todo e cursos de graduação e pós-graduação reconhecidos.

O artista consegue expressar uma mensagem sem falar uma única palavra; consegue fazer com que as pessoas se identifiquem com o seu trabalho, justamente por entenderem a mensagem que ele quis passar. Por isso, a arte é muito valiosa para a formação humana.

Durante muito tempo, a musicoterapia foi de forma equivocada por muitos profissionais tratada com descaso e sem a credibilidade merecida, porém, ao longo dos anos, foi se mostrando cada vez mais eficaz e ganhando o devido respeito.

Segundo a Federação Mundial de Musicoterapia, é o uso profissional da música e de seus elementos como uma intervenção em ambientes médicos, educacionais e cotidianos com indivíduos, grupos, famílias ou comunidades que buscam otimizar sua qualidade de vida e melhorar sua saúde e bem-estar físico, social, comunicacional, emocional, intelectual e espiritual.

A pesquisa, a prática profissional, o ensino e o treinamento clínico em musicoterapia são baseados em padrões profissionais de acordo com contextos culturais, sociais e políticos (World Federation off Music Therapy, 2011).

Hoje temos o conhecimento da existência de vários famosos que tinham ou têm TEA, entre eles, muitos artistas como Anthony Hopkins, ator, diretor e produtor cinematográfico, que tornou pública a notícia de que tinha a síndrome de Asperger e que, mesmo com todas as dificuldades que encontrou ao longo de sua carreira, nunca deixou que isso fosse um impeditivo para seu sucesso.

Hopkins disse em uma entrevista: “As pessoas com Asperger tendem a ser criativas ou severamente incapacitadas. Eu não sei se isso se aplica a mim, mas sei que nunca posso ficar calmo. Eu costumo executar várias tarefas, decido que não vou pintar e depois passo 24 horas pintando”.

Michelangelo, o pintor italiano famoso pela pintura do teto da Capela Sistina, no Vaticano, também teria, segundo pesquisadores, um autismo de grau relativamente alto ou síndrome de Asperger. Um psiquiatra envolvido em pesquisas sobre a vida do pintor descreve Michelangelo com possíveis traços da síndrome e ainda diz que ele era “uma pessoa solitária e distante”. Segundo o psiquiatra, o pai e os irmãos do pintor também teriam uma tendência ao autismo, mas na época não se tinha conhecimento necessário para o diagnóstico.

Alguns pesquisadores defendem a hipótese de que Mozart era portador do Transtorno do Espectro Autista. O compositor escreveu mais de 600 obras, entre elas, sinfonias, óperas e concertos. Aos 6 anos de idade já compunha e aos 8 escreveu sua primeira sinfonia. Pesquisadores relatam sua alta sensibilidade à música e seu ouvido absoluto; ainda observam que sua audição era tão delicada que sons altos podiam lhe causar dor e deixá-lo doente.

Assim como Mozart, Michelangelo, Hopkins, entre outros, pessoas com qualquer tipo de deficiência são capazes de superar desafios e servir de inspiração e incentivo para os demais, pois a arte não impõe limites.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável a importância que a arte e a música possuem para o desenvolvimento humano, assim como sua força para ajudá-los a superarem desafios e estimularem os nossos cérebros.

As artes muitas vezes funcionam como refúgio, uma válvula de escape para os nossos problemas, e nos ajudam a expressar sentimentos como a felicidade e a tristeza, além de trabalharem diretamente com as nossas funções motoras e cognitivas.

O professor em sala de aula é quem vai auxiliar a criança no desenvolvimento de suas atividades e deixar o aluno descobrir que através da arte ele pode se reinventar e superar qualquer problema. Não é um caminho fácil, pois estudantes com deficiências podem se deparar com enormes dificuldades; assim, a criança irá precisar não só do professor auxiliando-a, mas também da família ao seu lado, dando total apoio e estímulo. Certa vez, Fernando Pessoa disse que a arte é a autoexpressão lutando para ser absoluta.

Devemos nos permitir criar, questionar, mais do que tudo, nos expressar. A arte é a cura para os males do dia a dia, ela é o futuro e a calmaria de uma criança, arte é esperança. A arte e a linguagem musical são possibilidades relevantes no desenvolvimento de alunos com TEA, pois estes, em sua maioria, apresentam dificuldades na linguagem e na interação com o outro. Pesquisas demonstram que crianças com TEA, ao terem contato com a música e com a arte em geral, melhoram a linguagem, a expressão corporal, a coordenação motora, a interação e a sociabilidade.

REFERÊNCIAS

Aguiar, D. (2008). Toque e cante. São Paulo: Aguiar.

Antero, R. (Org.). (2010). **O Ensino da Música nas aulas de Arte**. Criciúma: Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal de Santa Catarina.

Barbosa, A. M. (2002). **Arte Educação no Brasil. São Paulo: Perspectiva**.

Barbosa, A. M. (1998). **Tópicos Utópicos. Belo Horizonte: Com Arte.**

Baumer, É. R. (2009). **O Ensino da Arte na Educação Básica**. Porto Alegre: Mediação.

Berger, D. (2002). ***Music Therapy, Sensory Integration and the Autistic Child***. London: Jessica Kingsley.

Buoro, A. B. (2000). **O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola.** (4a ed.). São Paulo: Cortez.

Bruscia, K. (2000). **Definindo Musicoterapia**. Rio de Janeiro: Enelivros

Duarte Júnior, J. F. (1994). **Fundamentos estéticos da educação**. (3a. ed.). Campinas: Papirus, 1994.

Duarte Júnior, J. F. (1988). **Por que arte-educação?** (5a. ed.). Campinas: Papirus.

Fonterrada, M. T. de O. (2008). **De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação**. (2a. ed.). São Paulo: editora UNESP; Rio de Janeiro: Funart.

Hopkins, A. (s. d.). **Conheça a trajetória de Anthony Hopkins, o ator autista indicado ao Oscar** 2020. Recuperado em 02 jun. 2022 de https://omundoautista.uai.com.br/

Koelsch, S. (2011). ***Toward a neural basis of music perception – a review and updated model. Frontiers in Psychology***, 2, artigo 110, 1-20. Prodanov, C. C., & Freitas, E. C. (2013). Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo, RS: Feevale.

Rodrigues, A. (2012). **Efeito do treinamento musical em capacidades cognitivas visuais: atenção e memória**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Neurociências. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.

Rodrigues, A. M. (2019). **Projeto Coral Terapêutico: atividade de musicoterapia e educação musical especial, para inclusão social de crianças com desenvolvimento atípico, numa escola do centro de Teresina-PI. Anais do Encontro sobre Música e Inclusão**, 205-217. Recuperado em 05 mai. 2022 de https://ojs.musica.ufrn.br/emi/article/view/9.

Sampaio, R. T., Loureiro, C. M. V., & Gomes, C. M. A. (2015). **A Musicoterapia e o Transtorno do Espectro do Autismo: uma abordagem informada pelas neurociências para a prática clínica**. Per Musi, (32), 137-170.

Souza, F. F. de. (2009). **Arte e Indústria: Justificativas do Ensino de Desenho nos Pareceres de Rui Barbosa**. 19&20, Rio de Janeiro, 4(3), 1-7. Recuperado em 05 mai. 2022 de http://www.dezenovevinte.net/ensino_artistico/ea_ruibarbosa.htm.

Souza, A. S. (2021). **A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos**. Cadernos da FUNCAMP, 20(43), 64-83. Recuperado em 05 jun. 2022 de https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336.

World Federation of Music Therapy (2011). ***What is Music Therapy?*** Recuperado em 13 mai. 2022 de http://www.wfmt.info/wfmt-new-home/about-wfmt/.